

IMPLANTE DE JOELHO

O Pronto Socorro de afogados na praia da Barra ficava do outro lado da rua do antigo Hospital Lourenço Jorge, conhecido como *“Laurent sur la mer”*. Era subordinado ao Corpo de Bombeiros. Possuía, para a época, os melhores meios materiais e humanos para atendimento de vítimas de afogamento. Funcionava das 07:00 às 18:00 h diariamente. Contudo, a preia e seus frequentadores não tinham horário de funcionamento de forma que os casos de afogamento que antecediam ou ultrapassavam o expediente dos Bombeiros eram atendidos pelos plantonistas do Hospital, que não tinham acesso aos aparelhos e meios do PS de afogados.

O senhor P. foi trazido ao Hospital por guarda-vidas, banhistas e amigos e, aos berros ele chamava pelo *“Viola”*, seu companheiro de pescaria que se afogara e fora atendido pelo PS dos bombeiros onde constatarem sua morte.

O senhor P. em trajes de banho não parava de bradar o nome do *“Viola”*, seu colega morto por afogamento. Apresentava-se com as pernas rígidas alegando que não conseguia andar. Estava visivelmente em pânico por conta do trauma de ver seu amigo morrer afogado. Os seus familiares e circunstantes que o trouxeram relataram que era costume o senhor P. e Viola, nos fins de semana, pescarem na praia. Neste dia o Viola entrou no mar para lançar seu anzol mais longe da arrebentação. Uma vaga maior varreu-o para longe e ele que mal sabia nadar foi carregado pela correnteza e afogou-se. O senhor P. desesperado gritava para o amigo salvar-se. Os guarda-vidas que já se retiravam no final do expediente ainda puderam resgatar o pobre *“Viola”*, mas, já no PS constatou-se que ele morrera. O senhor P. com intensa crise de ansiedade e mostrando-se paralisado foi conduzido ao Hospital.

No reservado da enfermaria ele foi colocado no leito numa posição bizarra, deitado de costas com as pernas rígidas estendidas para cima. E continuava gritando o nome do amigo.

O que fazer com ele? Não sofrera lesão física. Era claramente uma crise psicótica pós traumática. Só que nenhum de nós sabia o que fazer, inclusive os médicos titulares que se limitaram a prescrever tranquilizantes injetáveis, que o senhor P. se recusava a tomar.

O Miguel Montera, acadêmico bolsista, muito atencioso, resolveu conversar com o Sr. P.

- *Me conta o que aconteceu desde o início* – perguntou-lhe o Miguel.

Acompanhei a entrevista que levava o caso para um patamar quase surreal.

- *Eu emprestei meu joelho ao Viola para ele se salvar. Viola!* - Respondia e gritava o senhor P. - *Viola! Por isso não tenho como andar até que me devolva os joelhos.*

- *Vou examiná-lo para ver como está a sua perna* - respondeu o Miguel e em seguida procedeu a uma pantomima de exame do senhor P.

- *Realmente, seu joelho está faltando, vamos precisar repô-lo.*

O pessoal do plantão, enfermeiros e auxiliares e mesmo os médicos mal disfarçavam o riso, mas não intervieram pois o senhor P, se acalmara, e diminuía sua grita pelo amigo.

Nessa hora foi possível administrar um tranquilizante, mas as pernas do senhor P. continuavam rígidas.

Entrementes o Miguel voltou a falar com o Sr.P.

- Temos aqui no depósito muitos joelhos de outros atendimentos e posso verificar se algum deles serve para o senhor. O Viola ainda deve demorar a poder devolver o seu então até mesmo para poder encontra-lo sugiro usar estes sobressalentes.

Todos nós ficamos atônitos com este diálogo principalmente porque o senhor P. reagia de maneira afirmativa:

- O doutor pode mesmo fazer isso?

- Mas é claro, já procedemos a várias substituições aqui. É rápido e garantido.

A seguir outra pantomima, nas pernas cobertas do senhor P. que outros colegas ajudaram na encenação.

O senhor P. mais calmo seguia as orientações do Miguel. Dobrou os joelhos sobressalentes e ficou em pé. Os familiares espantados com esta “terapia” ajudavam a sustentar o senhor P. Pouco a pouco, ele deu alguns passos e foi conduzido pela família para fora da sala de atendimento em direção ao carro que o levaria embora.

Todos estávamos admirados com a situação e principalmente com a solução encontrada pelo Miguel.

O senhor P, antes de entrar no veículo, virou-se para o Miguel e perguntou:

- O Doutor tem certeza de que este é mesmo o meu número?

O Miguel foi aplaudido pelos plantonistas e circunstantes.